

Folha De S. Paulo

Domingo –25/08/2013

Imóveis

Quem me quer?

Móveis e objetos esquecidos ou sem espaço na casa ganham vida nova em bazares; confira como doar e onde comprar

ANA MAGALHÃESCOLABORAÇÃO PARA A FOLHA

Deixar o sofá velho na calçada na esperança de que alguma boa alma o leve pra casa e faça bom proveito é atitude bem intencionada e comum em cidades europeias. Mas, em São Paulo, pode render multa de até R\$ 14 mil.

Lei sancionada em 2010 considera crime ambiental despejar lixo em vias públicas e córregos. Por isso, a prefeitura recomenda que o doador leve o móvel velho para um dos 46 ecopontos espalhados pela cidade ou a uma das vias por onde passam caminhões da operação Cata-Bagulho.

No entanto, há alternativas mais práticas e confortáveis. Em São Paulo, ONGs e entidades beneficentes recolhem gratuitamente, na casa do doador, móveis e roupas em desuso. É preciso agendar dia e horário para a coleta.

Quando decidiu se desfazer de três armários desenhados pelo seu pai, a psicóloga Lia Bonini procurou o Exército da Salvação, entidade que mantém abrigos e centros de educação infantil e profissional.

"Inicialmente, eles perguntam o que estamos doando, para ter um controle do material. Depois, telefonam para perguntar sobre o atendimento e agradecer."

De acordo com o gerente de marketing do Exército da Salvação, Tiago Mendes, são feitas cerca de 170 retiradas de doações por dia na Grande São Paulo. São roupas, brinquedos, eletrodomésticos, utensílios e móveis.

Em geral, o material recolhido acaba em bazares destas entidades atendendo outras necessidades.

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/imoveis/125751-quem-me-quer.shtml>

Bazares são opção para pagar menos, mas exigem garimpo

Quem doa objetos é solidário e ainda desocupa a casa; quem compra busca economia e estilo

Segundo o Procon, estabelecimento precisa informar cliente sobre defeitos existentes nos produtos

COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

Foi garimpando diariamente uma das lojas do Mercatudo, bazar da Casas André Luiz, que o comerciante André Ferruchi, 28, mobiliou sua loja de sapatos.

"Estruturei toda a loja por menos da metade do preço do que eu gastaria", diz ele, que comprou três prateleiras, um expositor para a vitrine e duas estantes da entidade.

"O vidro que usei para a vitrine da loja também veio do bazar", acrescenta.

A representante têxtil Karla Fontoura, 41, também é uma exploradora de bazares. Doadora da Unibes (União Brasileira-Israelita de Bem-Estar Social), ela encontrou lá os armários que buscava para a cozinha de sua casa.

"São armários lindos. Comprei as peças soltas, contratei um marceneiro e ficou perfeito", diz.

Ela conta que pagou cerca de R\$ 3.000 pelas peças no bazar: "Como são armários de marca, acho que devem custar o dobro numa loja".

Segundo Fontoura, há excelentes produtos à venda nos bazares e nem sempre usados. "Muitas lojas doam as peças do mostruário para a Unibes. Não são novas, mas também não são usadas."

O diretor de bazares da entidade, Daniel Pedro Machlup, diz que os móveis e objetos recolhidos, são, primeiramente, doados a pessoas assistidas pela

instituição. Depois, o que sobra é vendido nos bazares da entidade -- e o valor arrecadado é revertido para os programas sociais.

SOLUÇÃO

Para Giselda Ferreira Alves, 78, o trabalho de coleta dessas instituições é uma saída para situações que parecem complicadíssimas.

Quando uma tia morreu, há cerca de seis anos, Alves ficou com a missão de se desfazer da casa --e de tudo o que estava dentro. Primeiro, convocou os primos e sobrinhos para pegar o que queria, mas sobrou muita coisa.

Alves procurou, então, o Lar Escola São Francisco, que tem um bazar tradicional na Vila Mariana, batizado de Samburá.

"Eles levaram tudo, até vasos de plantas mortas. Deixaram a casa limpa. Me ajudou demais", conta.

Um diferencial do Samburá é a capacidade de consertar móveis danificados. De acordo com Clélia Salgado Teixeira, filha da fundadora da entidade, o bazar tem uma pequena marcenaria. A entidade faz cerca de 50 coletas por dia -- cerca de 30% são de móveis e a maioria, roupas.

Para não entrar em furada ao comprar uma peça usada, Maíra Feltrin Alves, assessora técnica do Procon-SP, recomenda o consumidor vasculhar o produto e se informar sobre defeitos e problemas aparentes ou não.

"Os bazares são obrigados a informar sobre avarias. Caso contrário, a troca da peça precisa ser garantida pelo estabelecimento", informa a assessora do Procon-SP.

(ANA MAGALHÃES)

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/imoveis/125752-bazares-sao-opcao-para-pagar-menos-mas-exigem-garimpo.shtml>